

**DO**  
**DIDATISMO À FRUIÇÃO ESTÉTICA NA LITERATURA**  
**INFANTIL BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CASO**

Luan Talles de Araújo Brito  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
luantalles\_tdb@hotmail.com

Clarice Calista Dutra  
Universidade Estadual da Paraíba  
clarice\_calista@hotmail.com

Demóstenes Dantas Vieira  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
literaturaevinda@yahoo.com.br

**RESUMO**

A lírica da primeira fase da literatura infantil brasileira apresentava um distanciamento das reais inquietações, necessidades e expectativas da criança, sobressaindo-se uma visão adulta acerca do mundo infantil. Situação que começa a mudar na década de 60. Mudança impulsionada, sobretudo, pelas obras de Monteiro Lobato, as quais inauguraram um novo modo de criar e de escrever o texto literário para a criança. A partir de então, vê-se uma produção de textos literários para crianças, sejam eles narrativos, dramáticos e líricos, mais emancipados e preocupados com a formação leitora da criança ao apresentar elementos que favorecem o interesse desse público a que se destina, especialmente o humor, o riso, a fantasia, e o brincar com as palavras em consonância com o brincar característico dessa fase da vida humana. Desse modo, o presente artigo visa problematizar e contrastar essas duas fases da literatura infantil brasileira, discutindo as suas (des)contribuições para o desenvolvimento do letramento literário da criança no âmbito escolar. Tendo por base os pressupostos teórico-metodológicos de Ando e Silva (2004), Carvalho (1982), Coelho (2000), Cosson (2006), Frantz (2011), Gregorin Filho (2007) e Zilberman (2005), realizou-se um estudo de caso em duas turmas do Programa Mais Educação (PME), da rede pública de ensino de Brejo do Cruz – Paraíba. Inferiu-se que os alunos demonstraram pouco interesse pelo poemas de cunho moralista, mostrando-se mais receptivos, participando significativamente da aula, a partir da leitura dos poemas de Vinicius de Moraes e de Sérgio Caparelli.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança. Poemas. Letramento literário.

### **ABSTRACT**

The lyric of the first phase of the Brazilian children's literature had a distancing from the real concerns, needs and expectations of the child, standing out in an adult vision of the infant world. Situation begins to change in the 60s. Change driven mainly by the works of Monteiro Lobato, to which opened a new way of creating and writing the literary text to the child. From then on one sees a production of literary texts for children, be they narrative, dramatic and lyrical, more emancipated and preoccupied with formation reader the child reader by presenting elements that favor the interest of the intended audience, especially the humor, laughter, fantasy. and play with words in accordance with the characteristic play of that phase of human life. Thus, this article aims to discuss and contrast these two phases of Brazilian children literature, discussing their (not) contributions to the development of literary literacy of children in schools. Based on the theoretical and methodological discussions of Ando and Silva (2004), Carvalho (1982), Coelho (2000), Cosson (2006), Frantz (2011), Gregorin Filho (2007) and Zilberman (2005), performed a case study on two groups of Programa Mais Educação (PME), the public schools of Brejo do Cruz – PB. We infer that the students have shown little interest by poems moralistic slant, being more receptive, participating meaningfully in the classroom, from the reading of poems of Vinicius de Moraes and of Sérgio Caparelli.

**KEYWORDS:** Children. Poems. Literary literacy.

### **Introdução**

A literatura infantil começou a delinear-se, segundo Cunha (2003), a partir do século XVIII, quando o aperfeiçoamento das teorias científicas permitiu um novo olhar sobre a criança, percebendo-se então as suas necessidades e características peculiares. Anterior a esse período, a criança acompanhava a vida social das pessoas adultas, participando, inclusive, de sua literatura. Desse modo, à essa época:

Não se via a infância como um período de formação do indivíduo, a criança era vista como um adulto em miniatura, uma etapa a ser rapidamente ultrapassada para que o indivíduo se tornasse um ser produtivo e contribuísse efetivamente na e para a comunidade (GREGORIN FILHO, 2007, p. 2).

São contundentes ainda as palavras de Gregorin Filho (2007, p. 2, grifos nossos), segundo o qual:

os textos se mostravam muito mais próximas de textos de prática pedagógica do que literários propriamente ditos; o caráter lúdico, tão importante para o desenvolvimento da criança, não estava presente. Assim, oral ou escrita, clássica ou popular, a literatura veiculada para adultos e crianças era exatamente a mesma, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas separados de maneira até drástica em função da classe social.

O olhar para as especificidades da infância desencadeou dois movimentos na produção de uma literatura voltada para o público pertencente a essa fase da vida: de um lado, há a adaptação dos clássicos; de outro, a assimilação de lendas folclóricas e a criação dos contos de fadas (CUNHA, 2003).

A situação inicial da literatura infantil aqui no Brasil não foi muito diferente do cenário exposto brevemente acima, no que tange ao caráter moralista e pedagógico dos textos, pertencendo a esta fase embrionária os seguintes autores: Carlos Jansen, Figueiredo Pimentel, Coelho Neto, Olavo Bilac e Tales de Andrade. A própria poesia, nos primórdios do século XX, era fortemente vinculada à estética parnasiana e apresentava-se “pouco afeita ao gosto da criança” (ZILBERMANN, 2005, p. 127).

A situação só começa a mudar, no cenário nacional, com as obras lobatianas, as quais apesar de apresentarem um didatismo, também o ultrapassaram ao explorar o folclore e a imaginação, abrindo caminho para um novo jeito de criar e de escrever a literatura infantil brasileira.

Mesmo assim, é importante que o professor de literatura esteja atento e tenha um olhar crítico para os textos que utiliza em sua prática pedagógica. Neste sentido, Frantz

(2011, p. 53-60, grifos nossos) aponta cinco características a serem evitadas em obras literárias destinadas a crianças:

a) Didatismo e pedagogismo: a leitura tem sido utilizada apenas como fins didático-pedagógicos; b) Moralismo: os livros infantis estão repletos de histórias que almejam unicamente a transmissão de normas de comportamento que levem a criança a ser da maneira como os adultos desejam; c) Adultocentrismo e paternalismo: o mundo adulto com todos os seus preconceitos e valores sobrepõem-se aos valores do mundo infantil, sufocando-os; d) Visão fechada de mundo: alguns autores apresentam a seus leitores infantis um mundo pronto, acabado, de valores absolutos e inquestionáveis; e) Infantilismo: há textos que parecem se destinar a um leitor que só entende a linguagem do “inho” e da “inha”, subestimando a criança, entendendo o ser infantil como um ser menor, inferior, ao qual se deve oferecer uma literatura igualmente inferior e de menor qualidade.

Em consequência desse didatismo e pedagogismo (FRANTZ, 2011; DIONÍSIO, 2008) demasiado a que é submetida a literatura infantil, no ambiente escolar, a leitura acaba sendo desinteressante para os leitores em formação, e ao invés de ajudar o professor acaba prejudicando o letramento literário de seus alunos.

A partir disso, a discussão aqui construída possibilitará aos profissionais da área uma reflexão contundente e necessária no que diz respeito ao olhar crítico e apreciativo sobre os textos literários infantis a serem contemplados em sala de aula, evitando assim aqueles que apresentem demasiadamente as características apontadas por Frantz (2011) – didatismo, moralismo, adultocentrismo, visão fechada de mundo e infantilismo – de modo a contribuir com as discussões já existentes acerca do letramento literário escolar infantil.

## Metodologia

O presente artigo, de cunho descritivo e interpretativo, foi realizado tendo em vista a análise de quatro poemas da literatura infantil brasileira, quais sejam: “A casa”, de

Olavo

Bilac (1949); “O galo”, de Francisca Júlia (1912); “A casa”, de Vinicius de Moraes (1970) e “A jiboia Gabriela”, de autoria de Sérgio Caparelli (1984). Desse modo, esses poemas fornecem subsídios para discutirmos e constatarmos a presença de duas orientações na construção da literatura infantil brasileira: uma preocupada com questões pedagógicas e moralizantes e outra de natureza lúdica, direcionada à fruição estética.

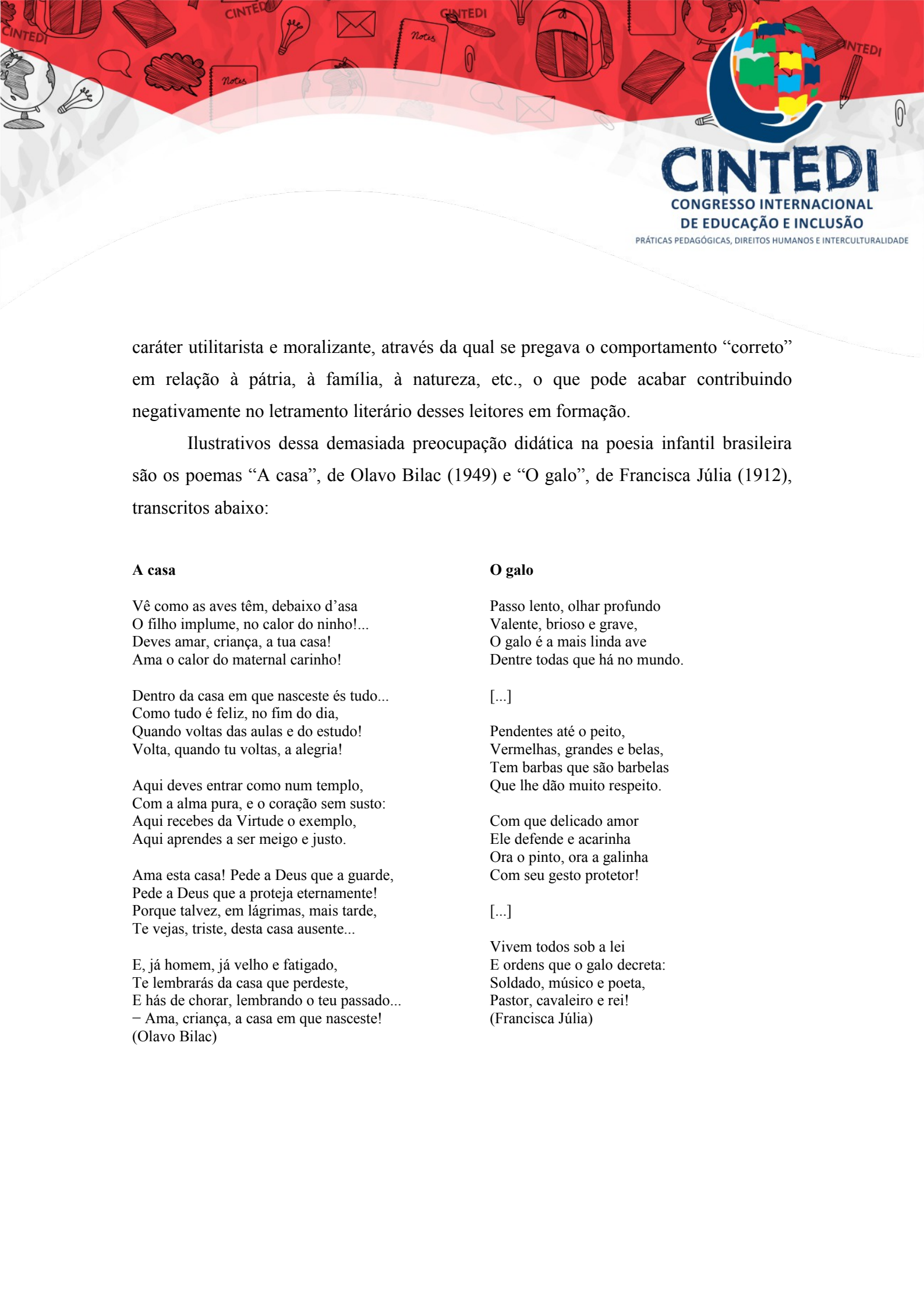
Por conseguinte, realizamos um estudo de caso, no qual os poemas mencionados foram aplicados em duas turmas do Programa Mais Educação (PME), de uma escola da rede pública municipal da cidade de Brejo do Cruz – Paraíba. A primeira turma, do turno matutino, foi constituída por alunos do 3º e 4º anos, com faixa etária que variava de 8 a 11 anos. Já a segunda turma, do turno vespertino, conteve alunos do 4º e 5º anos, com idades também entre 8 e 11 anos.

### Análise dos resultados

Cunha (2003) afirma que a poesia é fruto de sensibilidade e está a serviço desta, visando à sensibilizar o leitor, emocionando-o. dessa forma, a estudiosa dá um destaque especial a esse gênero, defendendo que dentre os demais gêneros literários a poesia deve ser o menos vinculado a interesses morais e instrutivos. A autora defende ainda que muito mais que compreendido, o poema é para ser sentido, deve possibilitar à criança um “mergulho” no mundo da fantasia e da sensibilidade.

Neste sentido, Cunha (2003) rebate o mito de que as crianças não gostam ou não apreciam poesia, destacando que isso pode acontecer devido a dois fatores: (1) ao tratamento que se dá ao poema em sala de aula ou até mesmo (2) à falha na seleção do poema.

No que tange ao segundo fator, que é o interesse deste artigo, a autora destaca que a há bem pouco tempo a poesia para criança não conseguia se desvencilhar de um



caráter utilitarista e moralizante, através da qual se pregava o comportamento “correto” em relação à pátria, à família, à natureza, etc., o que pode acabar contribuindo negativamente no letramento literário desses leitores em formação.

Ilustrativos dessa demasiada preocupação didática na poesia infantil brasileira são os poemas “A casa”, de Olavo Bilac (1949) e “O galo”, de Francisca Júlia (1912), transcritos abaixo:

#### **A casa**

Vê como as aves têm, debaixo d’asa  
O filho implume, no calor do ninho!...  
Deves amar, criança, a tua casa!  
Ama o calor do maternal carinho!

Dentro da casa em que nasceste és tudo...  
Como tudo é feliz, no fim do dia,  
Quando voltas das aulas e do estudo!  
Volta, quando tu voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como num templo,  
Com a alma pura, e o coração sem susto:  
Aqui recebes da Virtude o exemplo,  
Aqui aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,  
Pede a Deus que a proteja eternamente!  
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,  
Te vejas, triste, desta casa ausente...

E, já homem, já velho e fatigado,  
Te lembrarás da casa que perdeste,  
E hás de chorar, lembrando o teu passado...  
– Ama, criança, a casa em que nasceste!  
(Olavo Bilac)

#### **O galo**

Passo lento, olhar profundo  
Valente, brioso e grave,  
O galo é a mais linda ave  
Dentre todas que há no mundo.

[...]

Pendentes até o peito,  
Vermelhas, grandes e belas,  
Tem barbas que são barbelas  
Que lhe dão muito respeito.

Com que delicado amor  
Ele defende e acarinha  
Ora o pinto, ora a galinha  
Com seu gesto protetor!

[...]

Vivem todos sob a lei  
E ordens que o galo decreta:  
Soldado, músico e poeta,  
Pastor, cavaleiro e rei!  
(Francisca Júlia)

No poema “A casa”, de Olavo Bilac (1949), transcrito acima, percebe-se algumas das características apontadas por Frantz (2011), as quais não devem se fazer presente na literatura infantil, sob pena de tornar a leitura desinteressante para a criança. A primeira diz respeito ao didatismo ou pedagogismo, o qual se refere a intenção de ensinar algo ao leitor, o que se torna perceptível, por exemplo, na repetição de alguns verbos no modo imperativo: “Vê”, “deves”, “ama”, “pede”; os quais transmitem uma ideia de ordem a ser seguida. Dessa forma, fica nítido que a voz que fala no texto, o eu lírico, advém de uma pessoa adulta que objetiva enquadrar a criança em um modelo de comportamento considerado adequado por ela. Fica evidente, assim, como que o eu lírico do poema atende às expectativas do adultocentrismo, àquilo que o mundo adulto espera da criança.

Há ainda o tom, quase mascarado, de ameaça na última estrofe do poema, que enfatiza a consequência triste para o futuro da criança caso esta não siga o comportamento estabelecido para ela ao longo do poema. Neste sentido, esse tom de ameaça está relacionado com o que Frantz (2011) denomina de visão fechada de mundo, uma vez que o texto em análise apresenta um mundo de padrões comportamentais pré-estabelecidos, um mundo pronto e acabado de valores que não podem ser questionados, mas que devem ser seguidos, já que a sua transgressão trará consequências negativas: “E hás de chorar, lembrando o teu passado...” (BILAC, 1949).

Abordagem semelhante do texto infantil é verificada no poema de Francisca Júlia (1912), também transcrito acima, “O galo”, o qual apesar de tratar de uma temática atraente para as crianças, que é a de animais, ele se utiliza de um animal em particular, o galo, também para atender a fins utilitaristas pedagógicos e moralizantes, pois facilmente se pode associar a figura do galo descrito ao longo do texto à figura paterna, a qual deve ser respeitada e obedecida por todos. É o que se observa sobretudo nos dois últimos versos da última estrofe: “Vivem todos sob a lei/ E ordens que o galo decreta”.

Desse modo, ambos os poemas apresentados e analisados acima, ao apresentarem uma forte preocupação com o didatismo e o moralismo, acabam deixando de lado elementos importantíssimos que chamam a atenção e auxiliam na formação leitora de seu público alvo: a fantasia, a imaginação, e principalmente a ludicidade, tão importante para o desenvolvimento infantil, como defende Gregorin Filho (2007).

Por conseguinte, é contundente o que reverberam Aldo e Silva (2004, p. 46, grifos nossos) acerca desses contrastes entre a lírica bilaquiana e a de Vinicius de Moraes:

Ao contrário da obra bilaquiana, caracterizada pelo adestramento social, a lírica de Vinicius explora toda a potencialidade da palavra e, na ausência de doutrinação, o poeta torna-se cúmplice da criança, isto é, a situação de assimetria se desfaz e o universo infantil é respeitado pela nivelção entre o autor-adulto e o leitor-criança.

Essa ruptura com o didatismo no fazer literário também é atingida por Sérgio Caparelli no poema supracitado, “A jiboia Gabriela”, no qual o recurso da antropomorfização do animal abordado apresenta um objetivo diferenciado, se comparado com o uso desse recurso na lírica de Francisca Júlia, “O galo”, já analisado. Neste último, a antropomorfização está a serviço do aprendizado de um comportamento humano exemplar. Já em “A jiboia Gabriela” esse recurso almeja explorar ações realizadas pelos animais abordados que dão um tom de humor à situação abordada. Percebe-se ainda a exploração que é feita da sonoridade a partir do uso da onomatopeia “Muuuuuuuuuu!”. Mais um recurso que pode ser explorado para despertar o interesse das crianças pela leitura literária.

Desta sorte, passaremos a relatar agora como foi a recepção dos quatro (04) poemas supracitados em duas (02) turmas do Programa Mais Educação (PME). Na primeira turma foram aplicados os poemas de Vinicius de Moraes e de Olavo Bilac, “A casa”. Assim que iniciaram a leitura do de Vinicius disseram que já o conheciam por



meio

do CD da “Galinha Pintadinha” e começaram a cantar. Ao serem indagados sobre o que acharam do poema, afirmaram que ele era “legal, engraçado, alegre, divertido”. Um dos alunos, inclusive, justificou porque o texto era engraçado “por causa da palavra pipi”.

Em relação ao poema de Bilac, eles demonstraram um interesse menor, afirmando que ele apresentava “palavras esquisitas, difíceis de ler”. Ao serem perguntados sobre qual gostaram mais, a maioria escolheu o poema de Vinicius, com exceção de uma aluna que optou pelo de Bilac, segundo ela porque o poema retrata a criança (neste caso, ela própria) como a alegria da casa (o que está presente nos dois últimos versos da segunda estrofe do poema). Desta forma, percebemos que mesmo tendo escolhido o poema que consideramos sobressair-se um certo caráter pedagógico, a escolha deste pela aluna se deu principalmente pelos versos que “fogem” a esse didatismo (FRANTZ, 2011) e que abordam a criança como importante para proporcionar alegria para a sua família.

Na segunda turma foram aplicados os poemas de Francisca Júlia e de Sérgio Caparelli. Após a leitura destes, os alunos expuseram suas impressões. Sobre “O galo”, um aluno destacou que o poema “fala das características de um animal” e que “também chega a ser uma fábula”. Outro aluno disse que se tratava de “um texto informativo sobre o galo, rei do galinheiro”. Desse modo, pudemos constatar o que defende Zilbermann (2005, p. 127) sobre a literatura infantil eminentemente pedagógica, que segundo a autora é “pouco afeita ao gosto da criança”.

## Conclusão

Mediante a aplicação de poemas em sala de aula, podemos notar que, apesar de alguns alunos enfatizarem em suas falas que gostaram dos poemas de cunho mais moralistas, em suma a maioria demonstraram maior interesse e participação nas aulas

com a

leitura dos poemas que aqui consideramos mais lúdicos, o que comprovou a ideia que defendemos ao longo do artigo, segundo a qual os poemas mais adequados para a fase inicial com o letramento literário infantil são aqueles que apresentam um caráter mais lúdico, uma vez que a brincadeira se aproxima mais dessa fase da vida humana pela qual está passando esse público leitor. Fato que poderá instigar, desenvolver ou contribuir no interesse da criança pela leitura do texto literário.

#### Referências

ANDO, Marta Yumi; SILVA, Rosa Maria Graciotto. A imagem da criança nas líricas infantis de Olavo Bilac e de Vinicius de Moraes, **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 26, no. 1, p. 35-47, 2004.

BILAC, Olavo. A casa. In: \_\_\_\_\_. **Poesias infantis**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1949.

CAPARELLI, Sérgio. **A jiboia Gabriela**. Porto Alegre: LP&M, 1984.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos. **Literatura Infantil**: Visão histórica e crítica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1982.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

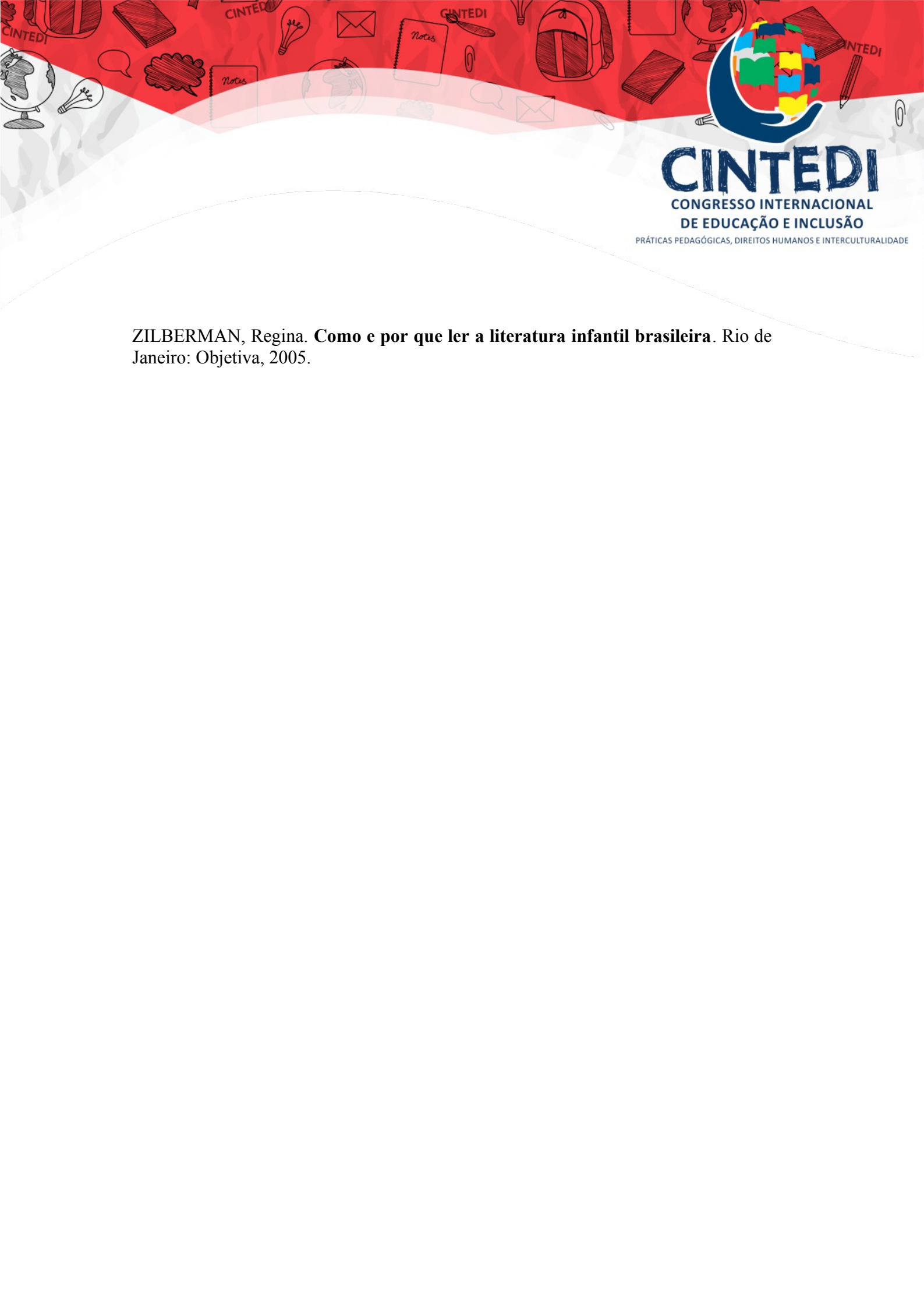
COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil/juvenil**: sociedade e ensino. 16º COLE – Congresso de leitura no Brasil. Campinas: Unicamp, 2007.

JÚLIA, Francisca. O galo. In: \_\_\_\_\_. **Alma infantil**. Rio de Janeiro: [s.e.], 1912.

MORAES, Vinicius. **A arca de Noé**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.



**CINTEDI**  
CONGRESSO INTERNACIONAL  
DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIREITOS HUMANOS E INTERCULTURALIDADE

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.